

NEOPENTECOSTALISMO E “VISÃO CELULAR NO MODELO DOS 12”: NOVAS FORMAS DE SER PROTESTANTE NO BRASIL

Caroline Luz e Silva Dias*

RESUMO

A Reforma Protestante do século XVI e seus desdobramentos no XVII apresentou diversas formas de se pensar e praticar o cristianismo, construindo protestantismos cada vez mais complexos. O surgimento dos pentecostalismos foi possível através da reelaboração de algumas doutrinas e práticas religiosas e se expandiu graças ao advento da urbanização e periferização das cidades. O pentecostalismo teve na reviviscência do pentecostes bíblico e o exercício dos dons do Espírito Santo o grande ponto de conflito doutrinário com o protestantismo histórico. Na década de 1970 o neopentecostalismo configurou uma nova forma de ser protestante que se articulou com a cultura do mercado através da Teologia da Prosperidade, incentivando doutrinariamente seus adeptos a buscarem a felicidade e o enriquecimento, permitindo um novo engajamento nas questões sociais e políticas.

PALAVRAS-CHAVE: Protestantismo, pentecostalismo e urbanização

ABSTRACT

The Protestant Reformation of the XVI and XVII century had different ways of thinking and practice their Christianity, Protestantism building increasingly complex. The rise of Pentecostalism has been possible through the elaboration of some doctrines and religious practices and expanded thanks to the advent of urbanization of cities. The pentecostalism of Pentecost was the Bible and the exercise of the gifts of the Holy Spirit to great point of conflict with doctrinal Protestantism history. In the 1970s the news pentecostalism set to be a new way that Protestant culture is articulated to the market through the Theology of Prosperity, doctrinal encouraging its supporters to seek the happiness and enrichment, allowing a new engagement in social and political.

KEYWORDS: Protestantism, pentecostalism, urbanization

Introdução

O presente trabalho faz parte de um debate introdutório da expansão e da visibilidade social dos grupos protestantes neopentecostais, um dos segmentos religiosos que mais crescem no Brasil atualmente. Em que pese toda crítica para essa nova categoria de historiadores, qual seja os que trabalham com a História do tempo presente, é fato, a necessidade de análises históricas dos fenômenos religiosos, mais atuais, tendo em vista que as demais disciplinas no campo das Ciências Humanas já desenvolveram uma tradição nestes estudos.

Pretende-se analisar alguns grupos religiosos que passaram por um processo de neopentecostalização no protestantismo brasileiro, com a adesão ao G12, metodologia

* Graduada em Licenciatura em História pela (UEFS) Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestranda pelo (PPGH) Programa de Pós-graduação em História da (UEFS); bolsista CAPES (Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior).

colombiana de expansão de igrejas protestantes através da gestão dos grupos celulares com doze líderes, este número doze significa uma retomada simbólica dos doze apóstolos do Novo Testamento. O G12 foi uma estratégia colombiana e surgiu na década de 1980, no ministério Missão Carismática Internacional, sob a liderança do Apóstolo César Castellanos e a Pastora Cláudia Castellanos, este ministério se expandiu para outras localidades e nacionalidades.

No Brasil esta metodologia G12 chegou ao final da década de 1990 e teve a adesão de muitos grupos protestantes, entre eles, alguns históricos, como batistas, presbiterianos e neopentecostais, e pentecostais como a Igreja do Evangelho Quadrangular e uma diversidade de grupos independentes. Esta adesão provocou conflitos e divergências administrativas e doutrinárias, além de experiências diversas entre os protestantes, particularmente, em Feira de Santana e no Brasil.

Muitos dos segmentos do protestantismo histórico aderiram ao G12, um movimento religioso de perfil neopentecostal. Isso em si já pode se constituir numa contradição doutrinária, o que causou muitos desdobramentos conflituosos no sub-campo protestante, gerando muitas divisões religiosas na virada para o século XXI. Esta comunicação tem o objetivo de trazer estas discussões que aparentemente eram teológicas, mas que tinham outras relações em jogo, como poder, legitimidade, finanças, relações sociais e políticas aliadas a outras questões para o campo da História Cultural, enfocando a complexidade do fenômeno religioso que carece de investigações e busca de nexos pelos historiadores.

A História Cultural Francesa surgida nas décadas de 60 e 70 possibilitou, metodologicamente, maneiras de compreender os fenômenos religiosos. As representações e percepções do mundo social como estreitamente relacionadas com as posições sociais, e as lutas de representação, visando uma justificação de práticas e condutas dos indivíduos. “As lutas de representações têm tanta importância como às lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”. (CHARTIER, 1986:17) Tendo em vista as relações que se estabelecem entre as posições o estudo da implantação do G12 em Feira de Santana, expressa um fato religioso, mas, sobretudo, um fato político que se explicita pela disputa do poder religioso, através da construção de imagens representativas de César Castellanos e René Terra Nova e do capital simbólico que as lideranças protestantes construíram sobre eles.

Pretende-se realizar um diálogo interdisciplinar com os conceitos da Sociologia, especialmente de Pierre Bourdieu. A categoria de análise “campo religioso” e os conceitos implícitos nela constroem uma ferramenta teórico-metodológica que permite situar os sujeitos

no campo de disputas, enquanto agentes religiosos, entendendo o poder religioso e suas implicações na dinâmica do campo religioso feirense e brasileiro. Esta categoria de análise permite uma análise qualitativa do conteúdo das fontes, relacionando o campo religioso, o campo das relações sociais e o campo do poder, ou seja, o campo religioso não se explica por si mesmo, porém pela relação que estabelece com os outros campos da totalidade do social. (BOURDIEU, 1996, p.64)

Nessa perspectiva, o estudo das práticas e das representações, através de fontes doutrinárias iconográficas, escritas e orais e fontes oficiais, possibilitam uma abordagem relacional entre práticas religiosas e a sua vinculação com o poder na sociedade, ou seja, como é que esses grupos que buscam visibilidade social através da intensificação das relações com as instâncias sociais, se relacionam na sociedade circundante uma vez que ser representado na sociedade, através da política, galgando essa visibilidade, é um dos principais objetivos do G12, tanto por César Castellanos e discípulos, quanto para René Terra Nova.

Sacerdócio universal e divergências doutrinárias e administrativas

As propostas de reforma da igreja Católica ligaram-se à contestação das práticas religiosas, morais, sociais e políticas da instituição. Durante a vigência do século XVII, já existiam algumas linhas de protestantismo, como Zuinglianos, Luteranos, Calvinistas, Anabatistas e Anglicanos. As distinções não eram apenas doutrinárias, ou seja, ao que se refere ao conjunto de normas religiosas, havia demandas sociais, políticas e econômicas que em grande medida atravessavam suas questões doutrinárias. Este é caso da afinidade de Anglicanos e Luteranos com questões de cunho político, dos Anabatistas com demandas sociais radicais bem definidas e do calvinismo com uma ética que norteava toda a vida econômica e moral dos seus fiéis. Nas suas origens européias o protestantismo já se apresentava plural.

O campo de determinações sociais exercia uma forte influência nas questões religiosas protestantes no século XVII e contribuiu para que a própria trajetória do protestantismo histórico na Europa, Estados Unidos e dos grupos que chegaram ao Brasil tenha sido marcada pela presença de dissidências e cismas que buscaram elementos que legitimassem e justificassem o seu rompimento com a corrente principal, reelaborando o potencial rebelde presente no princípio doutrinário do “livre exame”, ou seja, na livre interpretação dos textos sagrados. (SILVA, 1996:83)

Havia uma tendência às dissidências e divisionismos no protestantismo com profundas raízes históricas no bojo do caráter de contestação às práticas religiosas hegemônicas na Europa Medieval e inicial na modernidade, além de doutrinas teológicas próprias como a extensão da leitura do texto sagrado para leigos, sem a autoridade eclesiástica.

No século XVI, o ex-monge católico Martinho Lutero galgou a posição de um dos mais importantes reformadores religiosos, contribuiu para formar esse “germe da divisão”, com o princípio teológico do “sacerdócio universal”, ao fazer esta inversão da tradicional hierarquia católica. Na sua proposta de transformar todo leigo em sacerdote, ao dispensar a mediação do sacerdote nas relações religiosas entre homens, mulheres e a divindade, o ex-monge foi amplamente assessorado pelo advento da impressão dos textos sagrados, fazendo uma verdadeira revolução teológica e política na religiosidade de sua época.

Sobre o “Sacerdócio Universal” e a individualização das relações com o sagrado, um arguto Karl Marx observou:

Sem dúvida que Lutero venceu a servidão por devoção substituindo-lhe a servidão por convicção. Quebrou a fé na autoridade restaurando a autoridade da fé. Transformou os clérigos em leigos e os leigos em clérigos. Libertou o homem da religiosidade exterior fazendo da religiosidade a consciência do homem. Emancipou o corpo das suas cadeias carregando com elas o coração. (MARX, 1972:57)

Já no século XIX, os tipos de protestantismos que chegaram ao Brasil, tiveram uma característica denominacional. Marli Geralda Teixeira apresenta as tipologias de Ernest Troeltsh sobre seita e igreja. De maneira simplista, a seita seria uma organização comunitária, onde as suas práticas religiosas e políticas seriam de contestação à sociedade circundante, daí alguns estudiosos tratarem os batistas como seita. Já a igreja seria a instituição centralizada e burocrática da religião da maioria, um exemplo é a Igreja Apostólica Romana. A denominação seria a aparelhagem da instituição burocrática, preservando a autonomia local das congregações. (TEIXEIRA, 1983:97)

O pentecostalismo foi um movimento religioso mundial que surgiu na matriz protestante no início do século XX nos Estados Unidos e o seu nome é uma alusão à descida do Espírito Santo no pentecostes bíblico. Sua origem remonta ao avivamento metodista do século XVIII, no qual Wesley introduziu o conceito de uma segunda obra da graça, distinta da salvação, chamada de perfeição cristã. (FREESTON, 1994:74)

As experiências religiosas de Parham e Seymour, foram distintas porque o primeiro denotou um fato local, ao passo que o segundo em 1906, sendo convidado para pregar em Los

Angeles e devido ao sucesso da glossolalia, Seymour teve que alugar um armazém na Azusa Street, onde atraiu negros e brancos. Porém a união entre negros e brancos teve suas vicissitudes históricas, ocasionando divisões raciais já existentes na sociedade americana.

No Brasil o fenômeno pentecostal chegou ao final da primeira década do mesmo século com a Denominação Congregação Cristã do Brasil em 1910, seguindo-se pela Assembléia de Deus em 1911. Este movimento se expandiu nas décadas subseqüentes e se afirmou como a expressão religiosa do protestantismo brasileiro que mais cresce no campo religioso do País, com o surgimento de inúmeras denominações de mesmo perfil. Vale ressaltar, que muitas delas são dissidências dos grupos históricos e também dos mais recentes pentecostais.

O movimento neopentecostal surgiu no final da década de 1970, enquanto uma dissidência doutrinária do pentecostalismo tradicional que teve a sua ênfase na doutrina ascética uma de suas mais fortes identificações religiosas. Segundo Mariano, o prefixo *neo*, mostra-se apropriado tanto pela sua formação recente, quanto pelo seu caráter inovador, qual seja, o diálogo de elementos pentecostais tradicionais, como a emotividade nos cultos, os dons do Espírito Santo, à teologia do domínio e da guerra espiritual, a presença de líderes carismáticos e a teologia da prosperidade. Estas características foram reelaboradas pelo diálogo entre estas práticas e a cultura da sociedade capitalista de mercado, trazendo algumas mudanças em relação ao tradicional ascetismo protestante. (MARIANO, 2005:33)

Essas transformações que não estão apenas inseridas no campo das doutrinas e diretrizes religiosas, mas sobretudo, visível nas práticas e representações cunhadas por estas denominações, qual sejam, suas características de adaptação de práticas religiosas à sociedade circundante, incluindo reformas de caráter secularizante, comportamental, estético e teológico, para além das características centrais do pentecostalismo, como o êxtase religioso, a prática de cura, o exorcismo, os aplausos, as danças, etc.

Além do uso da Bíblia como regra de fé e prática, conforme professam os protestantes históricos, os grupos pentecostais se aproximam e se inserem definitivamente no protestantismo pelos princípios teológicos do “sacerdócio universal”, o “livre exame da Bíblia”, e a salvação pela fé mediante Jesus Cristo. Estes princípios teológicos fazem parte de um mesmo debate teológico que é a acessibilidade de todos os homens a Deus, tornando desnecessária a mediação sacerdotal entre o fiel e a divindade. Estes aspectos relacionados ao biblicismo dos pentecostais, contribuem para fundamentar ainda mais a tradição de dissidências entre os protestantes, tendo raízes na liberdade de interpretação do texto sagrado, dando origem às divergências doutrinárias e administrativas, resultando em divisionismos e

práticas protestantes plurais. Tal pluralidade de protestantismos é um fato que tem possibilitado a expansão de diversos grupos protestantes na contemporaneidade. Cabe o destaque que o G12, como metodologia de expansão de igrejas protestantes originário da Colômbia, produziu mais uma dissidência entre os protestantes, fundando o M12, no qual o líder do movimento é o apóstolo baiano Renê Terra Nova.

No bojo das transformações sócio-políticas e intensificação de práticas religiosas das últimas décadas do século XX, surgiu a metodologia da Visão Celular no Modelo dos 12 (G12) na Missão Carismática Internacional (MCI), um ministério independente, na década de 1980 na Colômbia, liderado pelos pastores César e Cláudia Castellanos, chegando ao Brasil no final da década de 1990, através dos pastores brasileiros Valnice Milhomens Coelho, que atuava em São Paulo, na denominação Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (INSEJEC), fundada por ela e René Terra Nova, o qual pastoreou a Igreja Batista Memorial no bairro Cidade Nova em Feira de Santana. Eles foram os principais responsáveis pela implantação e divulgação do G12 no Brasil, além de serem dissidentes da denominação Batista, onde iniciaram os seus ministérios pastorais e missionários. Estes pastores se tornaram discípulos de César e Cláudia Castellanos e principais lideranças nacionais na hierarquia religiosa do movimento, vale ressaltar que existem mais dez discípulos em nível nacional. Entre eles estão o apóstolo Sinomar Oliveira e Marcio Valadão de Belo Horizonte.

A obra de Max Weber “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” é um dos estudos mais consagrados e tradicionais sobre protestantes e sociedade. O teórico alemão discute na sua tese a ética protestante peculiar dos calvinistas e sua forma de se comportar no mundo que favoreceram ao surgimento do capitalismo. A ascese protestante intramundana, ou seja, uma forma de se comportar avessamente aos padrões culturais, estando, entretanto, inserido nessas vivências a partir de uma racionalização do trabalho e do controle sobre a moral e os valores, produziu uma forma peculiar calvinista de estar no mundo.

A essa forma peculiar de estar no mundo dos protestantes especialmente os calvinistas e sua caracterização de afastamento da vida mundana e pecaminosa, porém realizando atividades racionalizadas de investimento e inserção na economia se traduziu no que entendemos como a ascese peculiar calvinista. Queremos utilizar este conceito de Weber para entendermos um conjunto de práticas neopentecostais da contemporaneidade, que atualizam a ascese tradicional, dialogando com novos elementos da sociedade capitalista neoliberal, a exemplo da Teologia da Prosperidade.

Com a intensificação das relações capitalistas e o advento do neoliberalismo econômico, observa-se a influência das relações de mercado sobre as práticas dos grupos

neopentecostais. Estas comunidades neopentecostais se apropriaram de capitais simbólicos dos grupos protestantes históricos e de elementos pentecostais, reelaborando de uma forma eficaz novas práticas e representações religiosas, tais como as desenvolvidas pelo G12. Esta nova metodologia eclesial neopentecostal faz essa reinvenção das práticas protestantes tradicionais, qual seja, a apropriação de capitais simbólicos conquistados pelos protestantes históricos desde a sua formação na Europa moderna, revestindo-a de uma roupagem mais adaptada à sociedade capitalista, uma releitura que chega à Teologia da Prosperidade, ou a busca da eficácia empresarial nas tarefas eclesiais.

G12 e M12 em Feira de Santana

O crescimento da cidade e sua condição de entroncamento rodoviário possibilitaram sua expansão que se deu ao longo dos eixos de acesso a Salvador e ao interior do Estado. Além do desenvolvimento de estabelecimentos comerciais e residências ao longo dessas vias rodoviárias, foi na década de 1960 que ocorreu o aparecimento de bairros mais afastados do centro e da parte externa do Anel de Contorno Rodoviário, enfatizando a expansão urbana de Feira de Santana para todas as direções. Segundo Nacelice Freitas, “nas décadas de 70 e 80, foram aprovadas vários loteamentos criando 20.000 novos lotes na parte externa do Anel de Contorno Rodoviário contribuindo assim para a expansão destas áreas”. (FREITAS, 1998:114) Ainda segundo a autora foram o desenvolvimento industrial e do setor de serviços que contribuíram para a ocupação e urbanização de Feira de Santana, contribuindo para a periferização da município com a criação de inúmeros bairros.

Este processo de urbanização do município de Feira de Santana e a conseqüente ocupação dos bairros, loteamentos, logradouros das décadas de 70, 80, e 90 do século XX, foram fundamentais para a expansão do pentecostalismo e neopentecostalismo. Segundo Freston (1992), o crescimento evangélico está ligado à urbanização e à expansão de uma sociedade de massa. Segundo o autor, os grupos protestantes tiveram maior crescimento demográfico, sobretudo, na segunda metade do século XX, período em que se deu o desenvolvimento urbano de Feira de Santana. São palavras de Sipiarski (2000),

A partir da década de 70, entretanto, quando a urbanização já estava consolidada e o setor terciário começava a superar o secundário, um segmento do pentecostalismo experienciou uma metamorfose para se adaptar as novas exigências do mercado religioso e se estabelecer como o grande vencedor no atendimento à demanda religiosa. (SIPIERSKI, 2000:542)

Vários estudiosos do pentecostalismo brasileiro concordam que as transformações sociais, políticas e econômicas que o Brasil passou ao longo do século XX, provocaram mudanças qualitativas nas formas de relações sócio-culturais favorecendo à emergência de um ambiente propício à pluralidade religiosa e a diversidade de pentecostalismos.

O G12 foi divulgado e implantado no Brasil em nível nacional pelos líderes Valnice Milhomens e René Terra Nova que foram conhecer o avivamento que estava acontecendo na Colômbia, estas informações circulavam entre muitas lideranças protestantes que tinham ido à Colômbia e participado de Congressos na (MCI). No discurso da pastora feirense Jardelina Silva que visitou Jerusalém, a Colômbia e a (MCI) na ocasião da disseminação da estratégia colombiana foi constatada a principal característica da divulgação, a boa impressão do crescimento numérico,

Em 1998, eu tive a oportunidade de ir em Jerusalém, ouvi uma pregação do pastor René Terra Nova, hoje apóstolo, onde ele falava de uma metodologia conhecida como Visão do G12 e essa metodologia ele deixou claro que recebeu da Colômbia através do pastor César Castellanos e sua esposa Cláudia e falou sobre o G12, mas ainda não tinha assim nada muito claro, mas ele voltou assim muito impressionado da Colômbia e isso foi outubro de 1998¹

O processo de divulgação e implante do G12 em Feira de Santana ocorreu quase, concomitantemente, em relação ao País. O apóstolo René Terra Nova foi e continua sendo um importante e influente pastor na cidade e não apenas em Manaus, onde está localizada a congregação que pastoreia a nível nacional. A sua adesão ao G12 e a euforia de um grande avivamento transmitida em seu discurso mobilizou muitas lideranças em todo Brasil, inclusive na comunidade evangélica feirense, por ter liderado a tradicional Igreja Batista Memorial no início da década de 1990.

A divulgação do G12 no Brasil ocorreu através de congressos específicos e o processo de adesão das congregações, consistiu em transicionar lideranças e membresia de um modelo tradicional, para a nova proposta. Apresentar o modelo para os pastores não foi suficiente, mas fazê-los passar por todo o processo de encontros e discipulado, onde se estabeleceu uma hierarquia sobre eles e elas. Bogotá e Manaus foram as capitais que formavam líderes e pastores do G12, e em primeira instância Manaus pela proximidade, o lugar onde os pastores iriam passar pelo encontro e com isso aprender a colocar em prática a estratégia G12. Este elemento está presente no discurso da pastora Jardelina Silva,

¹ Entrevista concedida em junho de 2005 pela pastora Jardelina Silva que hoje atua em Boa Vista no estado de Roraima.

Em 1998 mesmo eu participei de um encontro em Manaus, e vi realmente que o encontro havia algo muito, muito diferente, uma unção muito especial e Deus, respaldava aquele povo que estava ali se retirando para buscar realmente o Senhor. Então a ministração de palavra, da unção de Deus, a ministração corpo a corpo, pessoa a pessoa foi algo assim muito enriquecedor. Em 2000, estive na Colômbia e vi um pouco da Visão sendo transmitida para líderes de todo o mundo, tinham muitos brasileiros lá.²

A primazia de Manaus na realização de encontros, constatamos também em outros relatos, como o da pastora feirense Simone de Araújo Moura,

Olha nós conhecemos a Visão Celular no Modelo dos 12 a oito anos atrás, nós conhecemos o apóstolo Renê de Araújo Terra Nova aqui pregando na Igreja Batista Memorial, logo em seguida nós fomos a Manaus, participamos de um encontro com Deus, e lá nós ficamos fascinados pela Visão de Consolidar vidas, de ganhar vidas.³

As comunidades que aderiram ao G12, iniciando pela liderança que freqüentou os encontros em Manaus, não vinham especificamente de uma denominação. Nesse sentido, a adesão religiosa foi transdenominacional, onde pastores de diversos ramos do protestantismo como batistas, presbiterianos, quadrangulares e até assembleianos chegaram a implantar o G12 nas suas congregações.

Privilegiamos pesquisar nas grandes congregações da cidade, que comportem pelo menos trezentos membros, o que se considera uma grande congregação. Discutir a visibilidade e expansão de alguns segmentos protestantes em Feira de Santana, enfocando as comunidades do G12 e sua dissidência M12 é lançar uma crítica sobre a tradicional hegemonia católica.

As grandes congregações que aderiram ao G12 foram a Igreja Batista Central na Getúlio Vargas, Igreja Batista Videira Verdadeira no bairro Viveiros, Igreja Missionária Shalon no Loteamento Morada Tropical, 1ª Igreja Batista do Feira IX, Igreja Batista Missionária no Bairro Brasília, Igreja Batista Benaia no bairro Morada das árvores, Igreja Batista Memorial na Cidade Nova, Ministério Internacional Aliança com Deus no bairro João Paulo, Igreja Batista Sião no Jardim Cruzeiro, entre outras.

² Entrevista concedida em junho de 2005 pela pastora Jardelina Silva que hoje atua em Boa Vista no estado de Roraima.

³ Entrevista concedida em junho de 2008 pela senhora Simone de Araújo Moura de 35 anos. Além disso, possui uma tradição de liderança entre os batistas. Já foi presidente dos jovens adolescentes de Alagoinhas e vice-presidente dos jovens do estado da Bahia. Além de ser bacharel em educação religiosa com música pelo seminário batista do Nordeste em Feira de Santana, pós-graduada em educação religiosa na área de concentração de administração educacional e formada em psicanálise. Atualmente pastoreia o Ministério Internacional de Adoração a Deus, uma igreja grande para a realidade de Feira de Santana. Segundo suas informações a Igreja tem uma população flutuante de mais ou menos 700 pessoas reunidas na sede.

Considerações finais

A relevância do estudo da expansão dos grupos neopentecostais no município de Feira de Santana e no Brasil é intensa para entender melhor a complexidade e pluralidade do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. A expansão do pentecostalismo e o seu crescimento demográfico é também um indicativo de como o campo religioso feirense se tornou mais plural, exercendo influências recíprocas no campo social, econômico e político. No caso de Feira de Santana, basta uma simples caminhada pelos seus bairros para notar a expressividade do número de congregações pentecostais e neopentecostais espalhadas por todo o município, demonstrando que a urbanização da cidade exerceu influência para a expansão do pentecostalismo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONIAZZI, Alberto. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Editora perspectiva, 1979.
- CHARTIER, Roger. **A história Cultural: Entre práticas e Representações.** Lisboa: DIFEL, 1990.
- FREITAS, Nacelice Barbosa. **Urbanização em Feira de Santana influência da industrialização 1970 - 1996.** 1998. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo pentecostalismo no Brasil.** 2ª ed. Edições Loyola, São Paulo, 2005.
- SIEPIERSKI, Paulo D. e GIL, Benedito M. (org.). **Religião no Brasil: Enfoques, dinâmicas e abordagens.** São Paulo: Paulinas, 2003.
- SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia.** São Paulo, 1998
- TEIXEIRA, Marli Geralda. **“...Nós os Batistas” Um estudo de História das Mentalidades.** São Paulo, 1983.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1967.